



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CARLOS EDUARDO DA SILVA LOPES

**“VIDAS E LARES DESTRUÍDOS: TERRITÓRIO E MEMÓRIA, UMA
FOTOETNOGRAFIA APÓS A TRAGÉDIA CAUSADA PELA BRASKEM”**

MACEIÓ
2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS INSTITUTO DE CIÊNCIAS
SOCIAIS CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS / BACHARELADO**

CARLOS EDUARDO DA SILVA LOPES

**“VIDAS E LARES DESTRUÍDOS: TERRITÓRIO E MEMÓRIA, UMA
FOTOETNOGRAFIA APÓS A TRAGÉDIA CAUSADA PELA BRASKEM”**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais, sob orientação da Profa. Dr. Siloé Soares de Amorim.

MACEIÓ

2022

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

L864v Lopes, Carlos Eduardo da Silva.
 “Vidas e lares destruídos” : território e memória, uma fotoetnografia após a
 tragédia causada pela Braskem” / Carlos Eduardo da Silva Lopes. – 2022.
 51 f. : il.

Orientador: Siloé Soares de Amorim.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais :
bacharelado) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais,
Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 48-50.

1. Braskem (Firma). 2. Território. 3. Fotoetnografia. 4. Memória. I. Título.

CDU: 39

**FOLHA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS INSTITUTO DE CIÊNCIAS
SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de autoria de Carlos Eduardo da Silva Lopes, intitulado: “**VIDAS E LARES DESTRUÍDOS: TERRITÓRIO E MEMÓRIA, UMA FOTOETNOGRAFIA APÓS A TRAGÉDIA CAUSADA PELA BRASKEM**”, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), em dezembro de 2022, submetido à defesa para seguinte banca examinadora:

Siloé Soares de Amorim

Orientador/Presidente (ICS/UFAL)

Rachel Rocha de Almeida Barros

Avaliador Interno (ICS/UFAL)

Fernanda Rechenberg

Avaliador externo (UFAL)

MACEIÓ

2022

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus por toda força que me deu em momentos que eu pensei em desistir, quero agradecer aos meus interlocutores e ao mesmo tempo apoiadores que sempre me incentivaram a continuar pesquisando essa tragédia em Maceió, que são eles, Dilma Marinho, Elias de Souza, Priscilla Barros, Josinete Luciano.

Agradeço também a minha comunidade de fé e resistência a Igreja Batista do Pinheiro que sempre foi símbolo de luta contra essa tragédia, agradeço as pessoas de outros estados que me vieram como referência para mostrar o que estava acontecendo aqui em Maceió - AL, Dr^a Helen Cavalcanti da UFMG, Eraldo Peres da Silva, fotógrafo de Brasília, Luiza Fonseca da UFRJ, Mariana Gomes de Recife - PE

Agradeço a Professora Dr^a Fernanda Rechenberg, foi através dela que aprendi muito sobre o audiovisual, Agradeço Museóloga Hildenia Oliveira do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, agradeço a meu orientador Siloé Amorim.

Agradeço todos aqueles que sempre apoiaram meu trabalho, Cristina Costa, Carlos Roberto, Valéria Ciriaco, Ducy Lima, Eliene, Luiza, Alessandra, Ana.

Dedico esse trabalho para todos os moradores que foram expulsos das suas casas e do seu bairro.

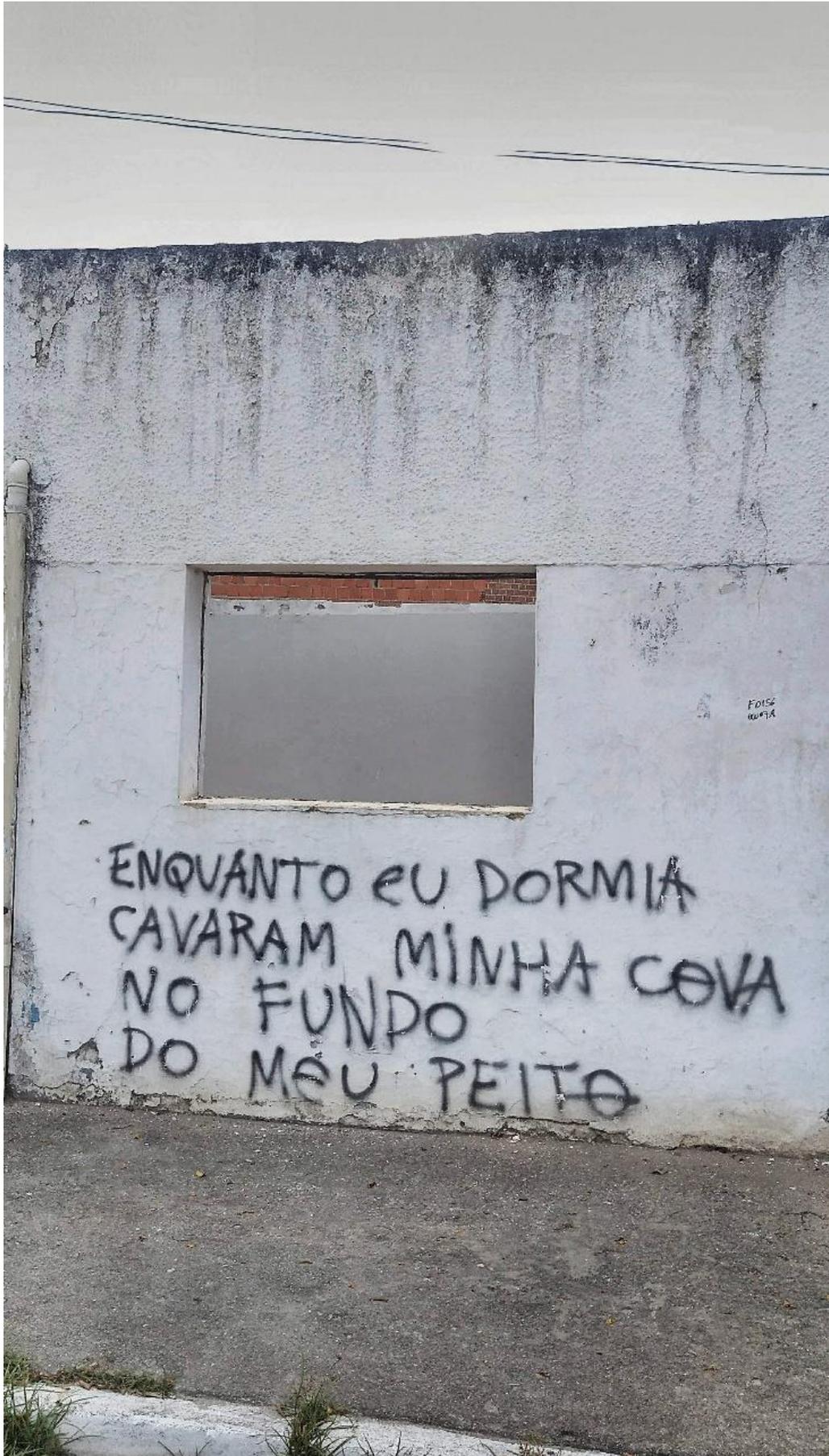


Foto: Carlos Eduardo, Bebedouro, Maceió, 2021.



Foto: Carlos Eduardo, Pinheiro, Maceió, 2021.

RESUMO

A fotoetnografia sobre a tragédia causada pela mineração em Maceió visa trazer o olhar do pesquisador através das lentes, após a expulsão de milhares de moradores de cinco bairros, moradores que tinham anos de vivência naquele território e que de uma hora para outra se viram com seus imóveis rachados e ruas afundadas. Laços foram rompidos após a saída de todos os moradores desses bairros, a memória que durante anos foi compartilhada nas ruas se perdeu, e o que restou após anos de mineração fora de controle foi a lembrança. O que afunda não é só um bairro.

Palavras-chave: Braskem; Território; Fotoetnografia; Memória

ABSTRACT

The photoethnography about the tragedy caused by mining in Maceió, aims to bring the researcher's gaze through the lens, after the expulsion of thousands of residents from five neighborhoods, residents who had lived in that territory for years and who suddenly found themselves with its buildings cracked and streets sunk, ties were broken after all the residents of these neighborhoods left, the memory that for years was shared in the streets was lost and what remained after years of mining out of control was the memory, what sinks is not just a neighborhood.

Keywords: Braskem; Territory; Photography; Memory

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

- 1. MINHA HISTÓRIA COM OS BAIROS AFETADOS**
- 2. VIDAS E LARES DESTRUINDOS**
 - 2.1. QUANTO VALE A VIDA?**
- 3. FIM TRISTE, MAS É REAL**

CONCLUSÃO

BIBLIOGRAFIA



Foto: Carlos Eduardo, Bom parto, Maceió, 2022.



Foto: Carlos Eduardo, Pinheiro, Maceió, 2021.

INTRODUÇÃO

As imagens na antropologia vêm sendo utilizadas de diferentes maneiras, seja como ferramentas de captura da realidade, seja como objeto de pesquisa. Enquanto ferramenta, por exemplo, são muitas as discussões que permeiam o campo da chamada antropologia visual e do filme etnográfico, pois é o tipo de ferramenta e de reflexão muito utilizada nas pesquisas de fenômenos culturais, servindo igualmente enquanto meio de ilustração e de difusão de pesquisas, não esquecendo seu potencial na investigação de diferentes meios tecnológicos, a exemplo da emergente área denominada de antropologia fílmica, cujos objetivos pretendem, além da produção de filmes documentários, considerar as imagens em movimento como objeto de investigação em primeiro plano. Como afirma Koury (2007):

“É na antropologia, mais precisamente na antropologia visual, que essa discussão está mais desenvolvida, e é aí que se podem sentir os esforços práticos mais salutares e de maior visibilidade no sentido da formação de núcleos de ensino e de pesquisa voltados especificamente para o trabalho com imagem” (KOURY, 2007)

Com isso, podemos considerar, como diria Roger Munier (apud DUBOIS, 1993, p. 33), que “A fotografia é o apagamento total diante do real com o qual coincide. É o mundo tal como ele é, em sua verdade imediata, seja ela reproduzida no papel ou na tela”, ou seja, as imagens e filmes tem o potencial de demonstrar emoções sobre as cenas e imagens que são apresentadas. O filme, por sua vez, carrega, desde sua criação até a sua exibição ao público, intenções e cargas simbólicas que são oferecidas ao público que os assiste, conforme suas próprias intenções e competências simbólicas, segundo observou Ribeiro (2007). Ao deixar o público numa posição privilegiada, na qual observa todos os acontecimentos narrados, mas sem o envolvimento real, o cinema pode empreender seu jogo de revelação e engano. E assim, através desse jogo, pode desencadear uma relação entre tempo e memória, entre imagem e imaginário, dando um novo significado ao presente vivido. E assim, o trabalho visa sempre demonstrar uma característica de situações sociais, tendo também como bagagem o processo de interação, para além de um produto que dê lucro, como afirma Leite (1993).

O objetivo da presente fotoetnografia é trazer a tragédia que está em andamento em cinco bairros de Maceió-AL. Para isso, o trabalho está fundamentado metodologicamente na observação participante (MALINOWSKI, 1978) e na etnografia de rua (ECKERT; ROCHA, 2013)

A empresa Salgema inicia a extração para produzir dicloroetano na fábrica localizada no Pontal da Barra (Maceió-AL). No ano de 1996 a mineradora passa uma mudança administrativa, e com isso Salgema passa a se chamar Trikem, em 2002 a Trikem se funde com outras empresas do setor e daí surge a Braskem, que incorporou as operações existentes em Maceió (AL)

A construção da fábrica de cloro-soda, do campo de salmoura e do terminal marítimo localizados no bairro Pontal da Barra, em Maceió, teve início em 1974. A produção comercial só começou em fevereiro de 1977, e a unidade de diclorometano, em 1979.

Essa vinda gerou protestos da população do bairro e de outras áreas; 10 anos após, em 1986, os protestos voltaram a acontecer, após o anúncio de ampliação da capacidade operacional da empresa e da instalação do Pólo Cloroquímico na cidade vizinha, Marechal Deodoro.



-Manifestação de protesto contra a duplicação da Salgema e
implantação do Pólo Cloroquímico.
. Reproduzido da T.A. de 04/06/86.

Nessa época já existia medo das consequências que isso poderia trazer para o futuro.



Cartum de Ênio Lins, 1985. Foto: Reprodução/Tribuna Hoje

A indústria química foi utilizada como carro chefe do desenvolvimento nacional no período militar, através da criação de pólos petroquímicos que tiveram desenvolvimento e impactos diferenciados nas regiões onde se instalaram, mas sempre interferindo na questão do solo urbano e do meio ambiente, modificando negativamente as condições de vida das populações.

O impacto dessas políticas de desenvolvimento regional ainda não foi devidamente avaliado na região nordeste, e parece que ao invés de contribuir para diminuir as desigualdades regionais, como prometeu o discurso oficial da época, essas políticas de desenvolvimentos atuaram como forças desagregadoras, reforçando situações de carência a nível local, criando áreas de risco, ou seja, afetando as condições de cidadania dos moradores.

As fissuras e os afundamentos de solo ocorridos no dia 3 de março de 2018, por volta das 14:30, quando moradores de diferentes bairros da cidade de Maceió sentiram tremores de terra um terremoto que foi registrado em 2,4 na escala Richter-, trouxeram à

tona o problema que foi primeiramente sentido no bairro Pinheiro, veio, logo depois, a atingir os bairros Mutange, Bebedouro, Bom Parto e Farol, mas isso não foi o único problema ocasionado pela instalação da empresa no Estado de Alagoas. Vale lembrar que um dos momentos mais críticos provocado pela instalação da empresa Braskem ocorreu no início da manhã de 31 de março de 1982, quando houve uma “violenta explosão”, seguida de chamas que alcançaram cerca de 15 metros.

“Houve pânico, correria, desmaios e choros por parte dos moradores e familiares dos funcionários da empresa. As ruas próximas à sal-gema, embora chovesse muito em Maceió, ficaram movimentadas, com a população procurando abandonar suas casas” (Gazeta de Alagoas - 31 de março de 1982)

Vinte e cinco dias após a explosão, faleceu no Hospital dos Usineiros o trabalhador Genival Ribeiro dos Santos, de 44 anos, que trabalhava na Braskem através de uma empresa terceirizada. Morreu em consequência de queimaduras de 1º, 2º e 3º graus, fato que demonstra os riscos acarretados pela implantação da empresa em Maceió e talvez uma evidência de que a Braskem sabia de problemas existentes: “A censura à imprensa era a regra durante a ditadura militar e muitos acidentes e vazamentos de produtos químicos não foram noticiados pela imprensa de Alagoas. O governo, em ‘conluio’ com a sal-gema, criou uma cortina de proteção” (Geraldo de Majella – Historiador). Cortina essa que se mantém até hoje, pois os afundamentos dos bairros são pouco noticiados em Alagoas e, a impressão que é passada para a sociedade é de que nada aconteceu nesses últimos quatro anos.



Foto: Carlos Eduardo, Pinheiro, Maceió, 2022.

Com a tragédia de afundamentos de cinco bairros de Maceió, mais de 70 mil famílias tiveram que sair das suas casas; os bairros atingidos foram cada vez mais comprometidos em relação à circulação de pessoas, placas de rota de fuga foram colocadas sinalizando para onde as pessoas poderiam fugir caso o pior acontecesse. O fato é que tudo isso poderia ter sido evitado se, num passado recente, a voz da

população tivesse sido ouvida. Hoje, infelizmente, o que podemos ver nesses bairros são ruínas.



Foto: Carlos Eduardo, Bebedouro, Maceió, 2021.

1. MINHA HISTÓRIA, COM OS BAIRROS AFETADOS

Minha história com os bairros atingidos pela mineradora Braskem vem desde pequeno. Morei no bairro do Farol durante 20 anos, e lembro de, quando criança, contar os dias para ir assistir o CSA (Centro Sportivo Alagoano) jogar no bairro do Mutange, onde estava localizado o estádio do time. Até chegar lá, passávamos pelo bairro do Bom Parto, onde eu costumava ir para cortar o cabelo ou para ir à padaria. Como não lembrar das minhas idas aos finais de semana ao Bairro de Bebedouro para almoçar na casa de parentes? Nesse decorrer, conheci a Igreja Batista do Pinheiro, localizada à Rua Miguel Palmeira, 1300, naquele bairro. Ali, presenciei vários momentos marcantes e históricos daquela comunidade, que até hoje resiste, mas que se encontra quase 100% desocupado. Infelizmente nesses bairros só restarão as lembranças. O silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas E algumas vítimas, que compartilham essa mesma lembrança "comprometedora", preferem, também, guardar silêncio. (POLLAK, 1989)

As saídas das famílias residentes nos bairros atingidos pela mineração da Braskem começaram pouco meses depois de acontecido o tremor de terra e de terem surgido as primeiras rachaduras nas residências e nos estabelecimentos comerciais dos bairros.



Foto: Carlos Eduardo, Pinheiro, Maceió, 2022.

Inicialmente, meu objetivo era somente documentar os bairros em ruínas; entretanto, após um tempo, vi que daquela tragédia eu poderia construir uma fotoetnografia, dos cinco bairros atingidos, e aqui já citados, era com o bairro do Pinheiro que eu tinha mais proximidade, por conta de frequentar a também já citada Igreja Batista do Pinheiro. Comecei a fotografar ao máximo o bairro, registrando as ruínas, os objetos deixados para trás e as manifestações nos muros das casas. Para realizar esse trabalho, minhas idas ao bairro foram diárias. Como as mudanças eram

constates eu buscava sempre estar andando pelo os bairros afetados, seja fotografando ou conversando com moradores que ainda residiam na região'. Sempre surgia algo diferente para ser registrado. A cada ida, eu presenciava uma família se mudado para outro lugar. Atualmente, mais de 95% do bairro está desocupado. Com isso várias ruas estão desertas e silenciosas, tendo na maioria das vezes somente a presença de funcionários da Braskem. Eles e eu éramos as únicas presenças humanas no bairro, chega a ser algo espantoso para mim, visto que eu percebia, em minhas idas ao bairro, que muitos que passavam de carro achavam estranho um indivíduo, um não funcionário da Braskem, perambulando num bairro em ruínas.

Dos cinco bairros atingidos pela mineração, três deles, Bebedouro, Mutange e Bom Parto eram bairros que tinham a Lagoa Mundaú como fonte de renda, e que sempre foram vistos como bairros periféricos por conta da presença e da residência ali de uma população de baixa renda. Essa condição social fez com que essa população se tornasse presa fácil para a empresa mineradora na hora da indenização paga pela empresa para que os moradores saíssem das suas casas, visto que eram pessoas que passaram anos vivendo da pesca e de programas sociais. Segundo relatos de antigos moradores do Mutange, a empresa ofereceu mais do que o triplo do valor dos imóveis, uma vez que muitos chegavam a valer entre 15 a 20 mil, e as propostas, em média, eram de 80 mil reais, oferta essa irrecusável para milhares que tinham adquirido aquele imóvel por muito menos. Em vez de perguntar porque algumas pessoas são pobres, perguntamos: por que outras pessoas são tão abastadas? (NADER, 2020).

Nós, como pesquisadores, temos que saber lidar com várias situações no decorrer de uma pesquisa. Além da questão da escrita, que é uma ferramenta fundamental para a comunicação do que se quer apresentar, temos que saber olhar além daquilo que está ao nosso alcance. Para Carvalho (1998), não se trata apenas de devolver o olhar – o que é um pouco a alternativa colocada pela crítica da reflexividade nas etnografias – mas de tentar mudar a origem do olhar, exercitando assim o que ele chama de uma hermenêutica pluritópica (Idem, ibidem).

O tema da mineração oferece vários ângulos; pelo o olhar do estado ele é visto como uma ferramenta econômica e de geração de emprego. A condição de subalternidade é a condição do silêncio (CARVALHO, 1998).

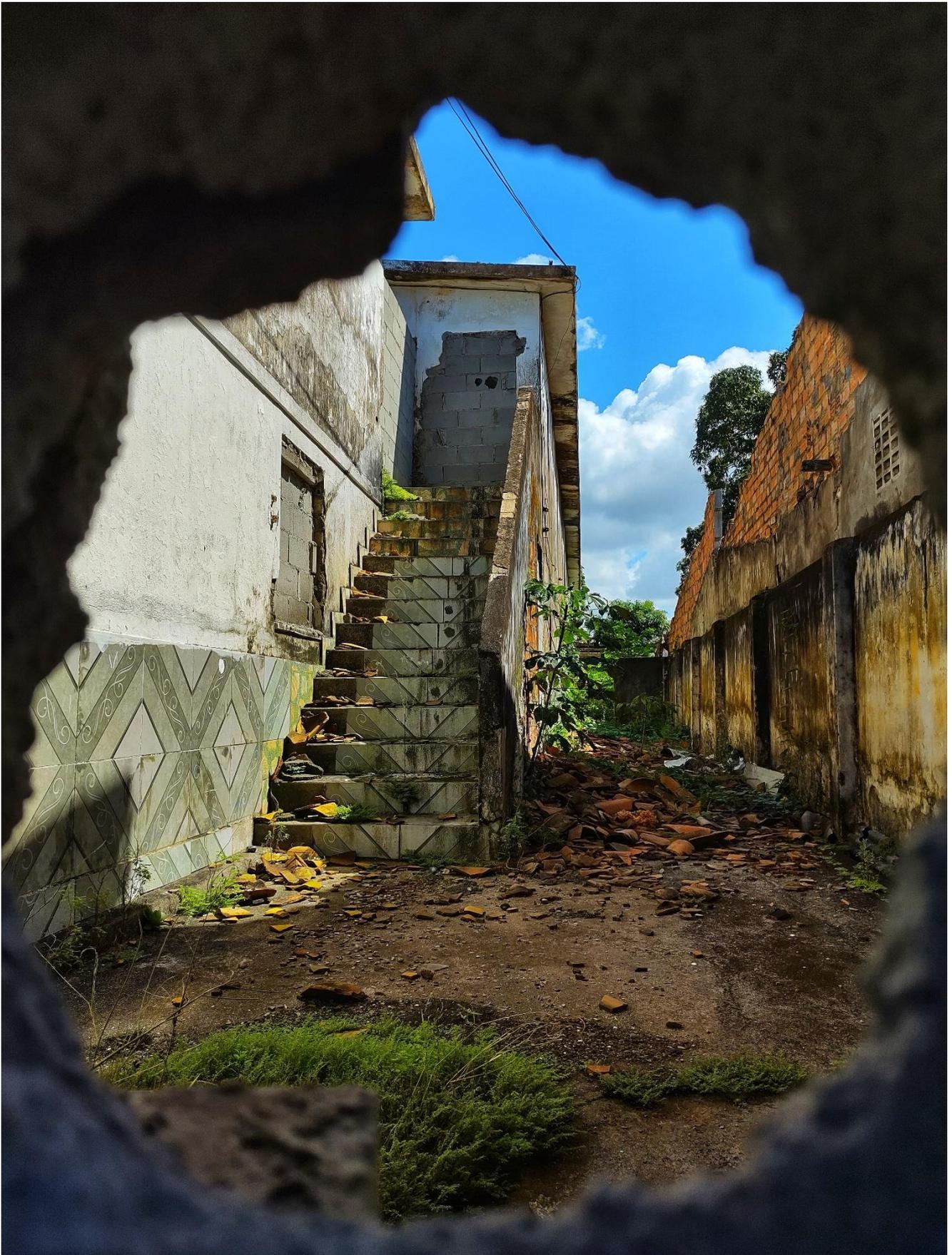


Foto: Carlos Eduardo, Pinheiro, Maceió, 2022.



Foto: Carlos Eduardo, Bom parto, Maceió, 2022.

“Eu vivia nas minhas expedições uma experiência totalmente nova. Era um tema que me encantava, sobre o qual era preciso guardar vestígios. A foto então impôs-se como uma evidência. De maneira geral, no plano etnográfico, a fotografia constitui uma reserva de documentos, permite conservar coisas que não se poderá mais rever.” (Lévi-Strauss in Garrigues, 2000:110)



Fotos: Carlos Eduardo, Pinheiro, Maceió, 2022.

2. VIDAS E LARES DESTRUÍDOS

As saídas a campo sempre foram um desafio. Foi no pico da pandemia que eu estava em campo fotografando as mudanças dos bairros, momento esse que foi crucial para o enfraquecimento dos movimentos dos moradores, visto que muitos estavam isolados para não serem contaminados com a Covid -19. A mineradora se aproveitou da situação e pagou a indenização de um bairro inteiro, bairro esse chamado Mutange, isso fez com que o grupo não lutasse mais pela causa, por conta de já terem recebido um valor a maior do que o imóvel valia.

Apesar dos reais riscos corridos por mim, saindo do isolamento para fotografar esse risco praticamente não existia, por conta mesmo do vazio “natural” que afetou os bairros. Comecei a fazer os registros com o meu celular num momento em que muitas casas ainda estavam abertas, desocupadas e sem portas nem janelas, fato que possibilitou a minha entrada livremente em vários daqueles lares e a me colocar no lugar daquelas pessoas que durante anos viveram naquele lugar.

Segundo Edwards (1996), uma fotografia antropológica ou que interessa ao cientista social “[...] é qualquer uma da qual um antropólogo possa retirar informações visuais e significativas. [...]e mesmo aquelas que foram criadas com intenções antropológicas, ou secundadas especificamente por conhecimento etnográfico, podem, todavia, ser apropriadas com finalidades antropológicas. (Edwards, op. Cit., p. 24)



Fotos: Carlos Eduardo, Bebedouro, Maceió, 2022.



Fotos: Carlos Eduardo, Bebedouro, Maceió, 2022.

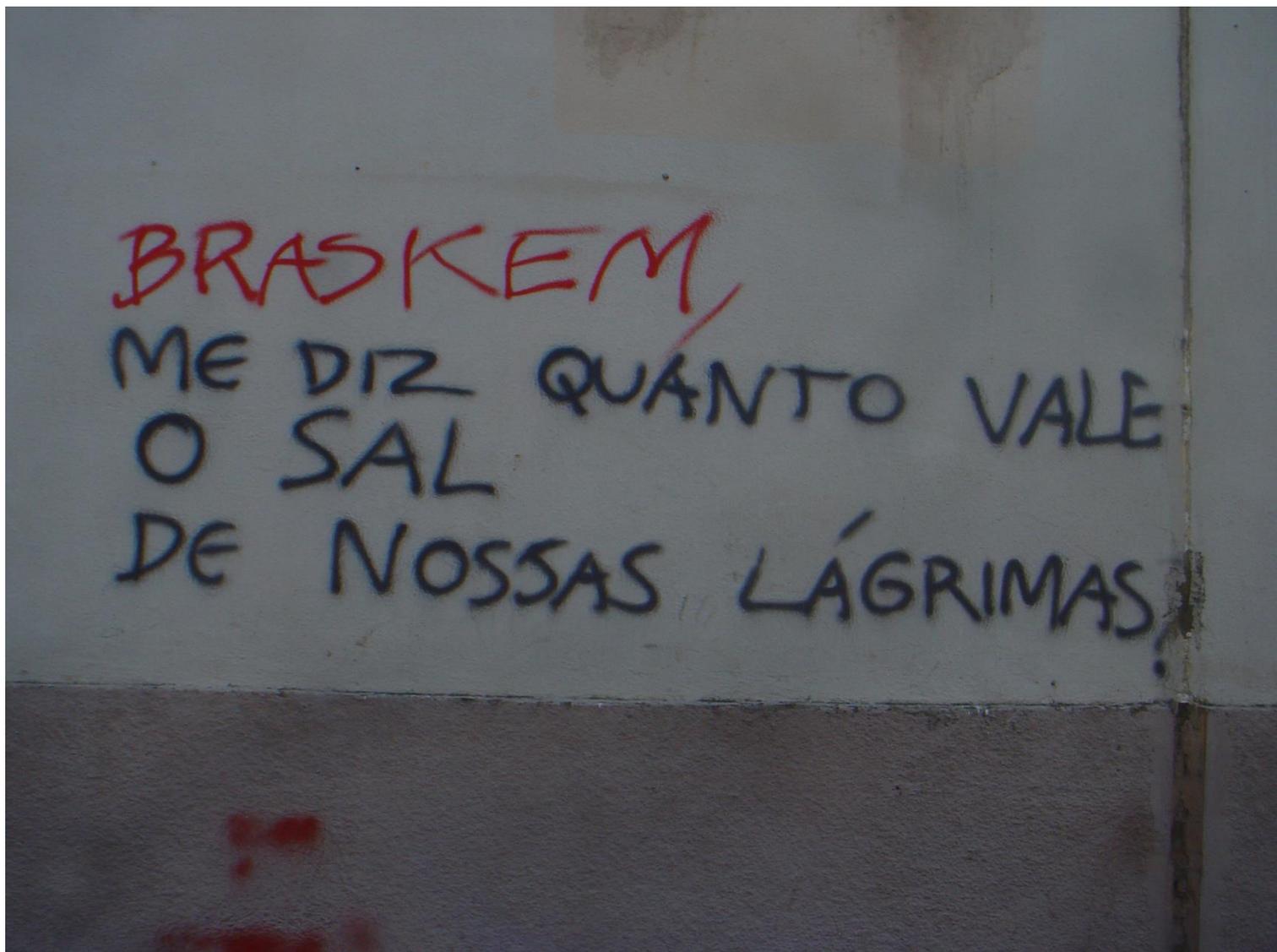


Foto: Carlos Eduardo, Bebedouro, Maceió, 2021.

As pichações em muros dos bairros afetados foi uma forma de gritar por socorro, visto que o acontecido não era noticiado com frequência nos jornais. Pichações mostram o afeto pelo bairro ou pela casa, algo que se tornou algo comum de se ver. Com o passar dos anos essas pichações começaram a “desaparecer”, isso por conta da mineradora começar a colocar tapumes nas casas já seladas, ação essa que veio a tomar conta de várias ruas dos bairros. Essa paisagem convive com outras, pois há ruas em que de um lado estão imóveis em situação de risco, enquanto do outro há residências aparentemente habitáveis. Essa é uma situação complexa, que faz com que os moradores ainda restantes nos bairros fiquem sem saber o que fazer. A imagem a seguir mostra bem essa situação; no primeiro momento chega a parecer uma montagem, porém, quando olhamos com cuidado, percebemos que se trata de uma foto única onde

mostra o lado da rua fechado com tapumes e o outro funcionando normalmente. O que separa um lado do outro é apenas uma rua.



Foto: Carlos Eduardo, Flexal de Baixo (Bebedouro), Maceió, 2021.

Tapumes circulam meu bairro, e o protegem, isso que a Braskem diz, tapumes como muralhas, hoje física, antes virtual, tapumes sociais.



Foto: Carlos Eduardo, Flexal de Baixo (Bebedouro), Maceió, 2021.

Muitos tiveram que sair das suas casas sem saber para onde ir, o terror era constante para que os moradores procurassem outro lugar, e além da pressão da mineradora, existia também a pressão de a cada dia sua rua e seu bairro ficar mais vazio.

“Para as classes populares a relação com o território e com as estruturas comunitárias como numa base física (o bairro, a zona de trabalho, a cidade, a comarca, a região) é fundamental: não dispõem inicialmente de meios (econômicos, políticos, culturais) para atuar individualmente a níveis mais gerais e abstratos, ou para fazê-lo de uma maneira ativa e organizada, mas necessitam estar integrado primeiro nas estruturas de base”. (BORJA, 1988:32)

Nas idas a campo sempre procurei em me colocar no lugar de cada morador que foi expulso da sua residência, e em determinado momento eu saí de trás da lente do Celular e me vi fazendo uma ação repetida por grande parte dos antigos moradores,-que é tirar tudo da sua residência, seja portas e janelas, seja seus pertences pessoais. Fazer aquilo me fez pensar no quanto é doloroso você tirar tudo de um lugar que agora sobrevive no passado, como um sonho, pois depois que a tragédia se tornou uma realidade e se transformou num terror, tudo desapareceu, o bairro chegou ao fim. Para o fotógrafo Pierre Verger: «A fotografia permite ver aquilo que não se tem tempo de ver, porque ela fixa o instante. Eu diria ainda mais, ela memoriza, ela é a memória...(...) O milagre é que esta emoção que emana de uma fotografia muda testemunha um fato que foi fixado sobre um instantâneo e que vai ser sentido por outras pessoas, revelando assim um fundo comum de sensibilidade, frequentemente não expressa, mas revelador de sentimentos profundos quase sempre ignorados» (BERGER,1982.)



Foto: Carlos Eduardo, Pinheiro,
Maceió, 2022.

Josinete foi minha professora quando criança, e também uma das minhas interlocutoras, em 2021, quando a encontrei em uma das reuniões feita por lideranças dos bairros afetados.; naquele momento fiquei sabendo um pouco da sua luta por justiça. Já é uma entre milhares que sofreu além da perda do seu imóvel, também perdeu a mãe, que nasceu e cresceu naquele bairro, e que veio a falecer por conta da dor e sofrimento de ter que sair da sua casa, lugar em que viveu durante grande parte da sua vida. É como se esse sofrimento extremo exigisse uma ancoragem numa memória muito geral, a da humanidade, uma memória que não dispõe nem de porta-voz nem de pessoal de enquadramento adequado. (POLLAK, 1989)

Em entrevista com a mesma, relatou-me todo o seu sofrimento, de como foi e de como está sendo todo esse processo: “É muito triste e revoltante o que está acontecendo em Maceió, um CRIME cruel e brutal que não só devasta a vida das pessoas como também o meio ambiente; vivo numa incansável luta por justiça! Em setembro de 2020 começou a aparecer muitas rachaduras na casa da minha mãe e não só rachaduras como também afundamento no piso de toda a casa e tudo foi feito firmemente. Procurei a Defesa Civil que ao observar a casa disse que aquelas rachaduras não tinham nada a ver com a Braskem. Os meses foram passando e a cada dia o problema se agrava mais. A casa em questão era a casa da minha mãe, ANGELITA LUCIANO, localizada na rua Almirante Barroso, no bairro do Farol, a rua que ela tanto gostava!... Por 63 anos minha mãe morou na casa. Minha mãe já tinha problemas de saúde, e a nossa preocupação era a de que aquelas rachaduras na casa fossem da Braskem, porque eu sabia que minha mãe não iria suportar. Foi um verdadeiro tormento saber que outras casas também estavam rachando, e a minha preocupação cada vez mais aumentava, até que, infelizmente, em meados de janeiro de 2021, chegou a notícia de que a rua teria que ser desocupada o mais rápido possível e, infelizmente, quando minha mãe soube, chorou muito por não querer sair do lugar que ela tanto gostou de morar. Toda uma história de vida acabava ali naquele lugar onde ela criou os filhos e viveu; na casa que ela tanto gostava, e foi muito revoltante ver minha mãe chorar dizendo que não queria sair da casa. Chorou muito e eu prometi a ela que ela não iria sair do lugar que ela tanto gostava, pois a casa era o presente que o meu pai deu a ela. Minha vida virou do avesso, pois não tinha mais como ela ficar na casa, devido às rachaduras e ao afundamento do solo e eu não sabia mais o que fazer. Então ela começou a não querer mais comer e aquilo pra mim foi o choque mais violento da minha vida, ver minha mãe ficar daquele jeito,

e como não estava conseguindo se alimentar foi internada e por não conseguir mais se alimentar foi para sonda e por mais que os médicos se dedicassem a querer salvar a vida dela, ele se foi. Dia 4 de Fevereiro minha mãe veio a óbito, no dia 5 de fevereiro foi o dia do sepultamento dela e enquanto todos estavam no velório na hora do sepultamento, a vizinha avisa que a casa dela estava sendo selada pela Braskem. Isso me deixou mais revoltada ainda. Procurei o ministério público estadual para relatar o que houve, mas o promotor nada mais podia fazer, me senti impotente diante do crime da mineradora que cala os poderes.

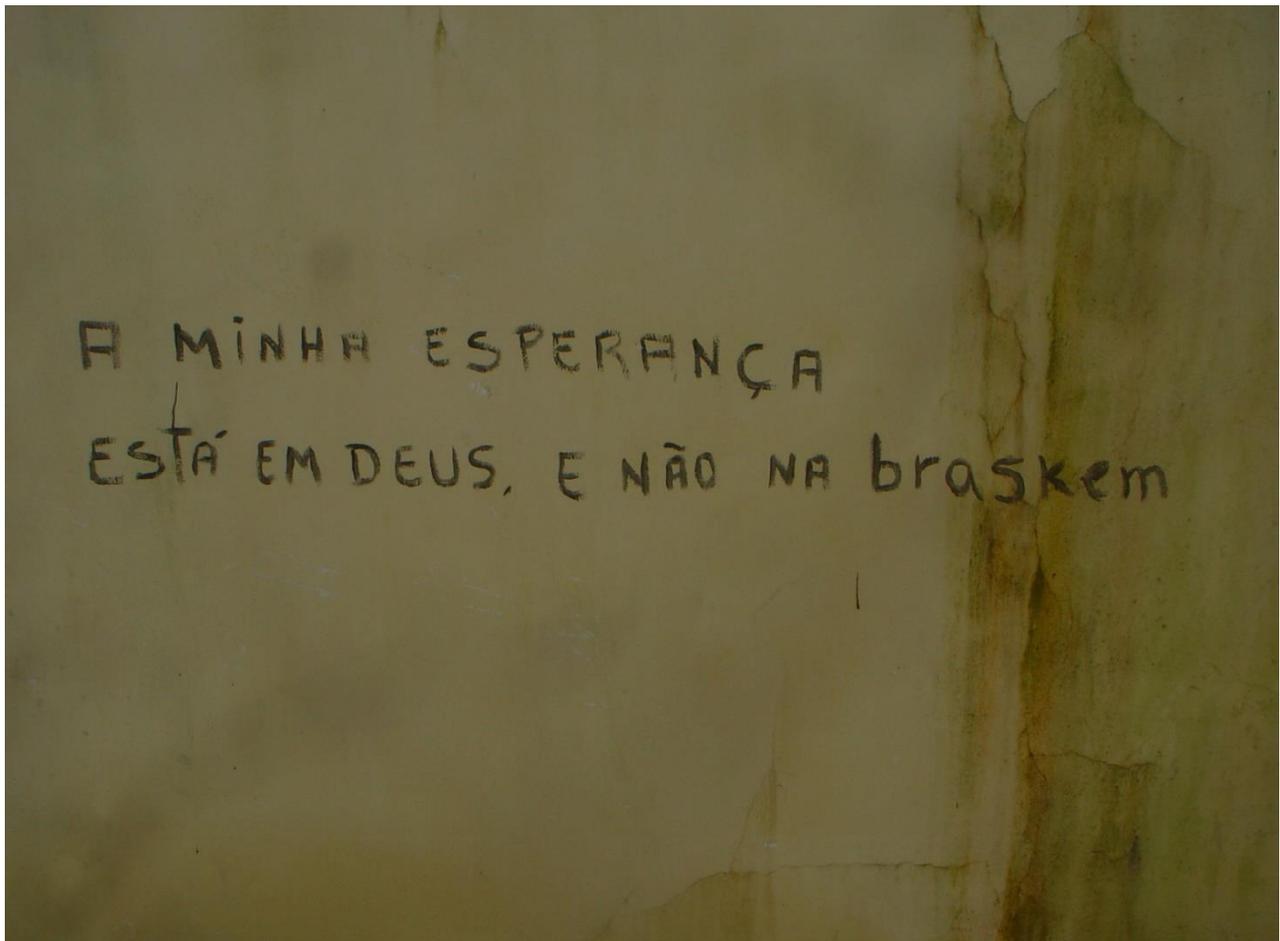
E em meio a tudo o quintal da casa começou a desabar e em 19 de março a casa teve que ser desocupada, minha mãe veio a óbito no dia 4 de fevereiro de 2021 e a desocupação da casa ocorreu no dia 19 de março de 2021. Não suportei a dor de ficar sem minha mãe querida, pensei que fosse morrer também, comecei a frequentar o cemitério, ia até o túmulo dela não aceitando que ela partira; a vida começou a perder o sentido para mim. A revolta tomou conta de mim por saber que não existe justiça para esse crime que a Braskem cometeu contra a vida das pessoas e do meio ambiente. Passei 4 meses com acompanhamento de psicólogo e aos poucos fui deixando de ir para o cemitério diariamente, e hoje em dia vou de 15 em 15 dias. Minha dor é na alma, já não sou mais a mesma, meu sentimento é de muita revolta! É humilhante demais o que estão fazendo com a vida das pessoas. Não existe punição, não existe justiça, é uma luta mental diária na esperança que exista justiça divina para tudo isso que está acontecendo. O MEU LUTO, VIROU LUTA. Minha mãe vive em mim e me acompanha em todas as minhas lutas.



Foto: Carlos Eduardo, Protesto de LUTO E LUTA Maceió, 2021.



Fotos: Carlos Eduardo, Farol, Maceió, 2021.



Fotos: Carlos Eduardo, Farol, Maceió, 2021.



Foto: Carlos Eduardo, Bom Parto, Maceió, 2022.



Foto: Carlos Eduardo, Pinheiro, Maceió, 2022.

2.1. QUANTO VALE A VIDA?

Não tem indenização ou compensação financeira que compre o que mais de 70 mil pessoas viveram nesses bairros; histórias não tem valor, já vi muitos perguntando quanto vale uma história? Não tem preço. Raffestin (1980: 145) observa que “a vida é tecida de relações e por isso a territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações emergentes de um sistema tridimensional, sociedade, espaço, tempo - visando a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema”.

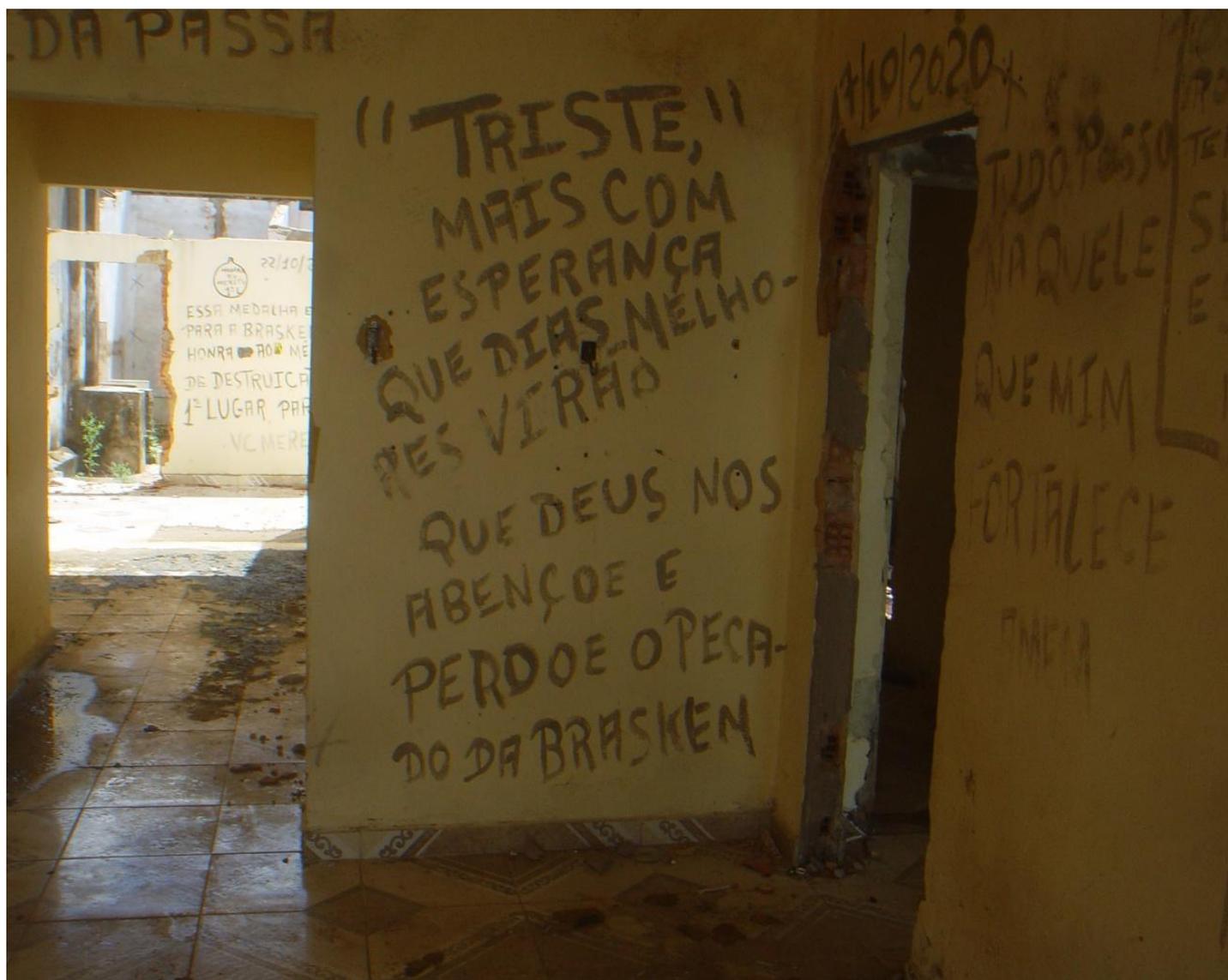


Foto: Carlos Eduardo, Bebedouro, Maceió, 2021.

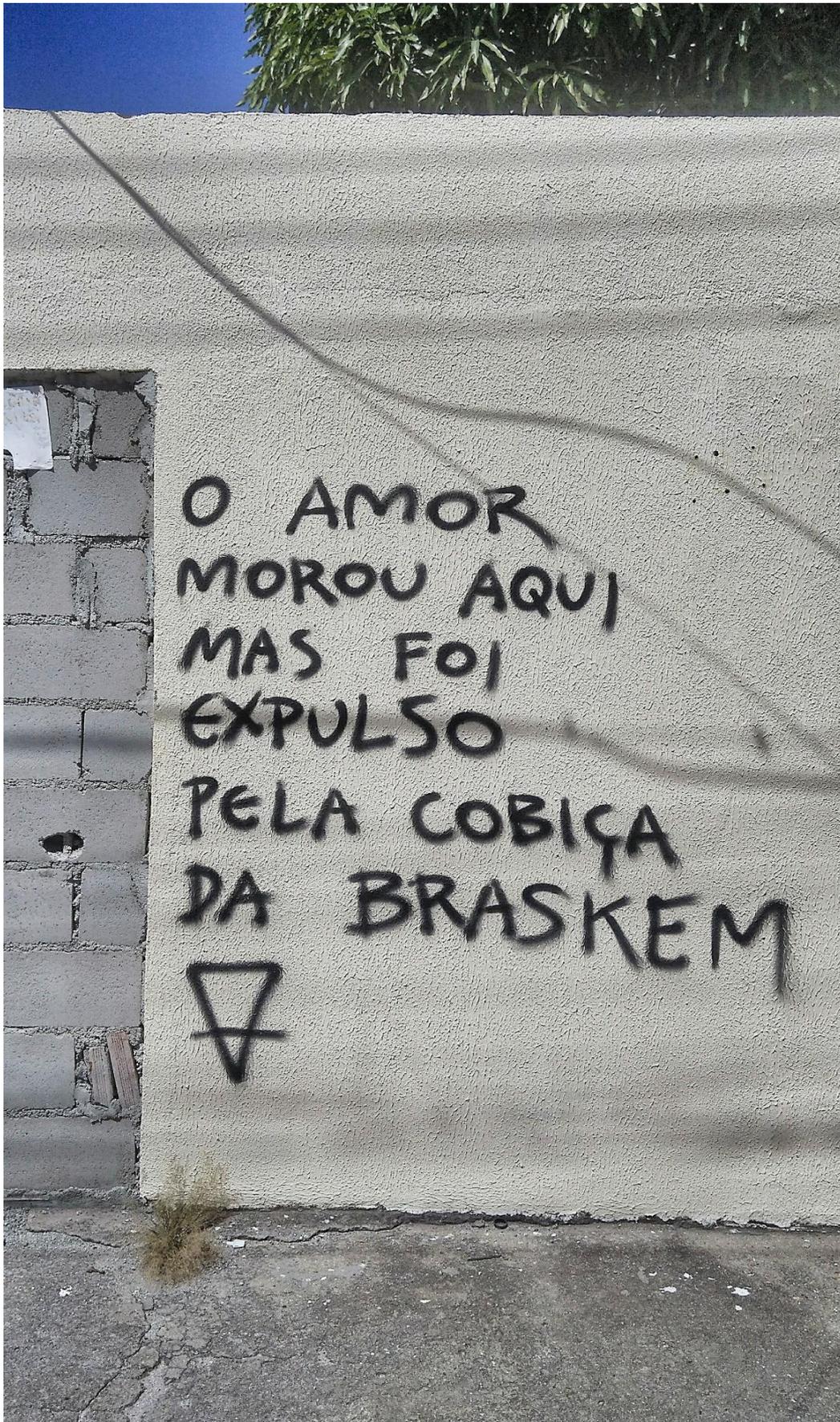


Foto: Carlos Eduardo, Bebedouro, Maceió, 2021.

Junto com um antigo morador e interlocutor de uns dos bairros atingidos pela Braskem, chamado Elias, fomos ao bairro Mutange, onde ele morou desde criança, o bairro foi o primeiro a ser desocupado e que pelo que é dito por antigos moradores, todos já foram indenizados, o bairro já não tem acesso por vias normais como era de costume, para adentrar tem que ser pela antiga linha do trem e por dentro dos matos. Desde nossa chegada ao bairro percebi que, por vários momentos, Elias se mostrava calado e reflexivo, visto que ele estava andando por ruas e becos que ele sempre percorreu na infância. Por vários momentos ele trazia lembranças de alguns moradores do bairro, e mostrava onde alguns familiares do mesmo moravam; a cada rua ou beco que eu entrava dava para imaginar os antigos moradores, Elias relatava que todo mundo se conhecia e que o único problema daquela região era no tempo de chuva, visto que o Mutange era um bairro com muitas encostas. Em determinado momento chegamos onde Elias morou com sua família, esse foi o momento mais difícil para ambas as partes, para mim que sempre me coloquei no lugar dessas pessoas, e para Elias que ao chegar onde morava só restava matos e um tapume fechando toda entrada da sua antiga residência, foi quando eu perguntei: Elias o que você sente ao chegar aqui e olhar que sua casa não existe mais e que tudo foi tomado pela ganância e por matos?

“Esse lugar marcou a transição da minha história, onde vivi mais de 12 anos, nossa casa foi uma das últimas a desocupar, resistimos até onde pudemos, demoramos até encontrar um novo lar, não acostumei até hoje. A Braskem tirou o nosso chão, de onde encontrávamos segurança, não mais encontraria visão igual, e não havia brilho maior, quando refletida nos meus olhos...”





Foto: Carlos Eduardo, Mutange, Maceió, 2022.

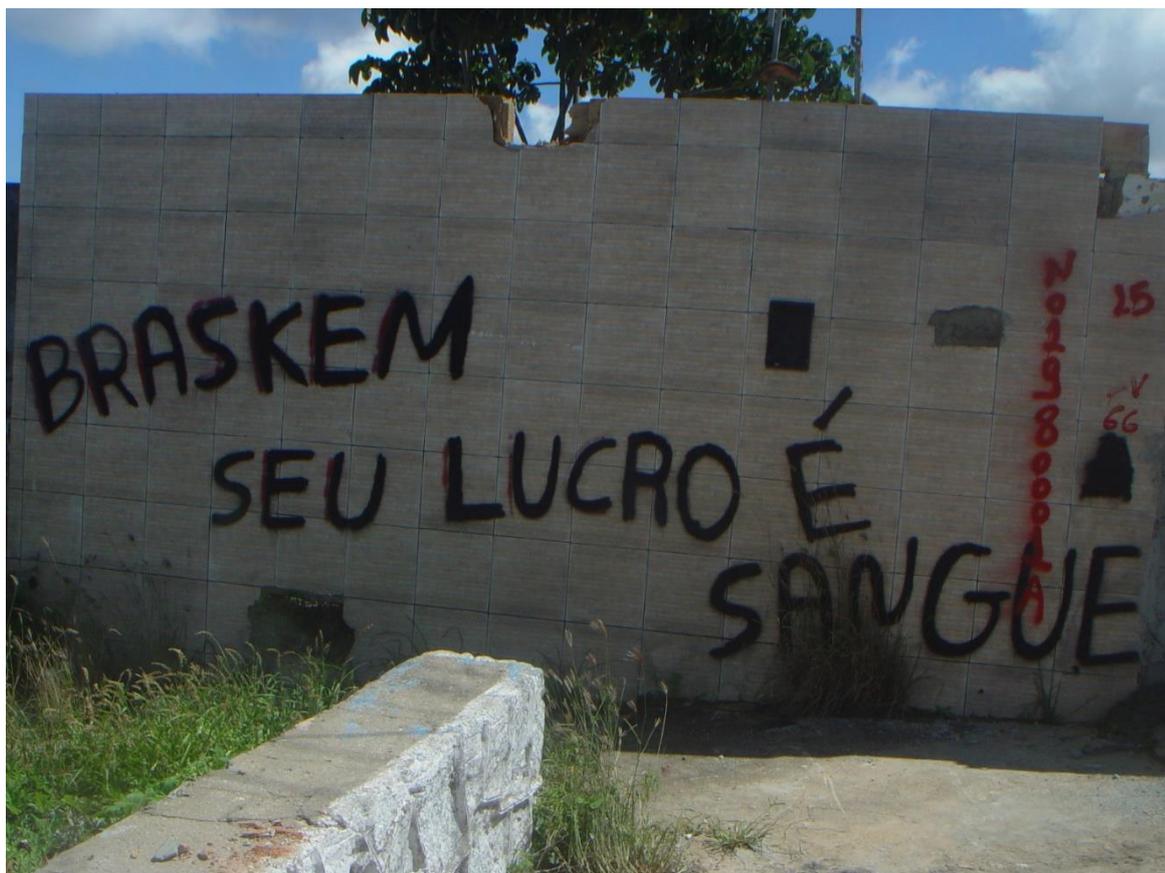


Foto: Carlos Eduardo, Pinheiro, Maceió, 2021.

Priscilla Barros também foi uma interlocutora. Ela é filha do Promotor de Justiça Wilson da Silva Barros, falecido no ano de 2018. “Meu Pai, ao longo de sua carreira, exerceu sua profissão com dedicação e esmero, sempre justo e leal ao que fazia e aos seus, ensinou-me a lutar pelo bem e pelo correto, mesmo que para isso precisasse seguir sozinha. Ensinou-me a ser forte e nunca temer se comigo galgar a verdade e os bons sentimentos. Ensinou-me o valor da decência e da honestidade, mostrando-me sempre que vale sim a pena ser do "bem", mesmo que isso muitas vezes faça com que outros não me vejam com simpatia. Ensinou-me sobre valores longínquos os quais já não desfrutamos mais. Falou-me da vida e das dificuldades que por vezes nos visitam, mas também me contou sobre a importância de termos amigos de verdade. Mostrou-me a essência da verdadeira amizade, sempre ao meu lado passando-me lições valiosas. E uma destas falava-me da importância do Ministério Público o qual cresci ouvindo que fora criado para lutar e defender o cidadão de bem, priorizando sempre o bem maior do mesmo. Cá estou eu mais uma vez suplicando para que algo enfim seja feito.

Já se vão quatro longos e duros anos sendo molestados, constrangidos e humilhados por uma Empresa Multinacional que faz o que quer, como quer, que dita as regras e que é totalmente desprovida de quaisquer sensibilidades. Notem que desde o princípio desta catástrofe socioambiental, hoje considerada a maior do mundo, que tenho lutado arduamente para que eles simplesmente levem em consideração um Patrimônio Cultural que acolhe mais de 30 mil Obras que ao longo dos anos pertenceram ao meu pai, um Promotor de Justiça que honrou o Estado, que nos seus 66 anos de vida sempre se mostrou dotado de coragem e bons princípios.

Toda essa tortura emocional acarretou-me problemas de saúde, o que faz com que tudo torne-se ainda muito mais difícil, uma vez que minha avó paterna é portadora de Alzheimer e eu sou a única a cuidar dela. Necessitamos de paz e descanso, mas para que isso ocorra a Justiça precisa ser feita de forma urgente e célere. Minha avó já nos seus quase 94 anos precisa de tranquilidade e sossego, mas temos sido continuamente desrespeitadas, constrangidas e humilhadas por esta Empresa mercenária. Vivemos isoladas, sem acesso à internet, por muitas vezes sem energia, sem água, correndo diversos riscos, tudo isso pela intransigência, crueldade e frieza dessa empresa que em suas propagandas mente de forma desenfreada, afirmando bondades as quais nunca foram ofertadas.

Uma situação fácil de ser solucionada e que já poderia ter sido resolvida desde o princípio, evitando que hoje vivêssemos de forma desumana e esquecidas num bairro fantasma. É revoltante e deveras triste ver a Braskem patrocinando eventos, oferecendo bilhões de reais a Prefeitura, mas quando se trata das vítimas e de um erro que ela mesma causou, os afetados precisam "mendigar" pelos seus direitos. Isso é inaceitável. A Braskem transformou vidas em ruínas, quantos se foram em decorrência dessa situação? Mais de 1.500 vidas se foram numa Guerra Silenciosa, é devastador, nada se faz contra esta Empresa. As vozes silenciosas dos que se foram clamam por Justiça, nós que aqui ainda estamos resistindo e sobrevivendo em meio a esse caos, clamamos para que os poucos, mas verdadeiros homens de bem levantem-se e intercedam por nós. A Braskem precisa, deve ser punida.

Em outra face o número de pessoas que perderam seus negócios, suas empresas, suas moradias, o que me deixa abismada e totalmente decepcionada é que essa Empresa que devastou as vidas de inúmeras famílias prossegue, continua e ainda se encontra dentro do nosso Estado, trabalhando, ganhando, lucrando. Nossa luta é covarde, exageradamente desigual, onde quem realmente deveria encontrar-se brigando não se coloca adiante, não toma a frente, deixando-nos com um adversário, materialmente falando, muito maior. Temos pedido apenas que nos paguem o valor justo e atual, uma vez que os anos passaram, os reajustes vieram e necessitamos recomeçar nossas vidas com dignidade e conforto como outrora tínhamos. No meu caso, o que tenho suplicado é que apenas reconheçam que ao deixar a minha casa necessita construir uma nova Biblioteca para preservar aquilo que ao meu pai pertenceu e que ele tanto estimava.

Qual é a dificuldade em reconhecer um acervo, um tesouro cultural com mais de 30 mil Obras? São quase cinco anos que sepultei o corpo de meu pai, porém seus ensinamentos e em especial sua memória ficaram arraigadas em mim e assim estarão comigo enquanto vida eu tiver, assim sendo não posso acovardar-me e não vou, mesmo diante de uma luta tão desigual. Um GIGANTE, uma Multinacional que tirou não só de mim como de inúmeras famílias o direito de morar com dignidade, tranquilidade e segurança. Suplico-lhes respeito, tratando com justiça, sensibilidade e zelo o caso de cada remanescente”.



Fotos: Carlos Eduardo, Bebedouro, Maceió, 2021.



Foto: Carlos Eduardo,
Bebedouro, Maceió, 2021.



O que afunda não é uma casa

Paredes

Azulejos

Janelas tampadas com cimento

Portas fechadas

Pela última vez

O que afunda

Não é uma escola

Um hospital

O campo de treinos

Do CSA (Centro Sportivo Alagoano)

Tijolos infinitos

Como lágrimas de sal

O que afunda

É a luz

Do quarto das crianças

As flores que ficaram

Os gatos perdidos

No silêncio do bairro

O que nos afunda

Somos nós

Um tremor de angústia

No fio da navalha

Nossas vidas

Nas cavernas subterrâneas

Uma larga rachadura

No subsolo da alma”

**- PRONZATO, 2022, POEMAS PARA
RESISTIR**



Foto: Carlos Eduardo, Pinheiro, Maceió, 2022.



Foto: Carlos Eduardo, Farol, Maceió, 2022.

3. FIM TRISTE, MAS É REAL

Barthes chama de *Punctum* àquele detalhe na fotografia que revela todo o sentido do contexto. O cabide pendurado sob uma superfície cinza (que já remete cromaticamente a uma situação de fechamento), sem mais nenhum objeto, como se a vida estivesse suspensa e não houvesse como situá-la enquanto movimento. O cabide vazio e solitário mobiliza tanto por que nos interpela. Com a saída dos moradores nem tudo pode ser levado, geralmente os moradores iam para imóveis menores do que moravam, e sempre ficava algo para trás.

Tudo o que foi apresentado e discutido até aqui, nos faz entender que o que as populações atingidas atravessam não é apenas um problema social, vai muito além, os conceitos de alguns autores antropológicos nos fazem enxergar além e nos faz fazer ligações de como esse problema traz consigo questões de território e memória daquelas pessoas que viveram ou ainda vivem nesses bairros afetados pela mineração. Da próxima vez que você caminhar por uma floresta, olhe para baixo. Uma cidade está sob seus pés. (TSING, 2019).



Foto: Carlos Eduardo, Bebedouro,
Maceió, 2022.

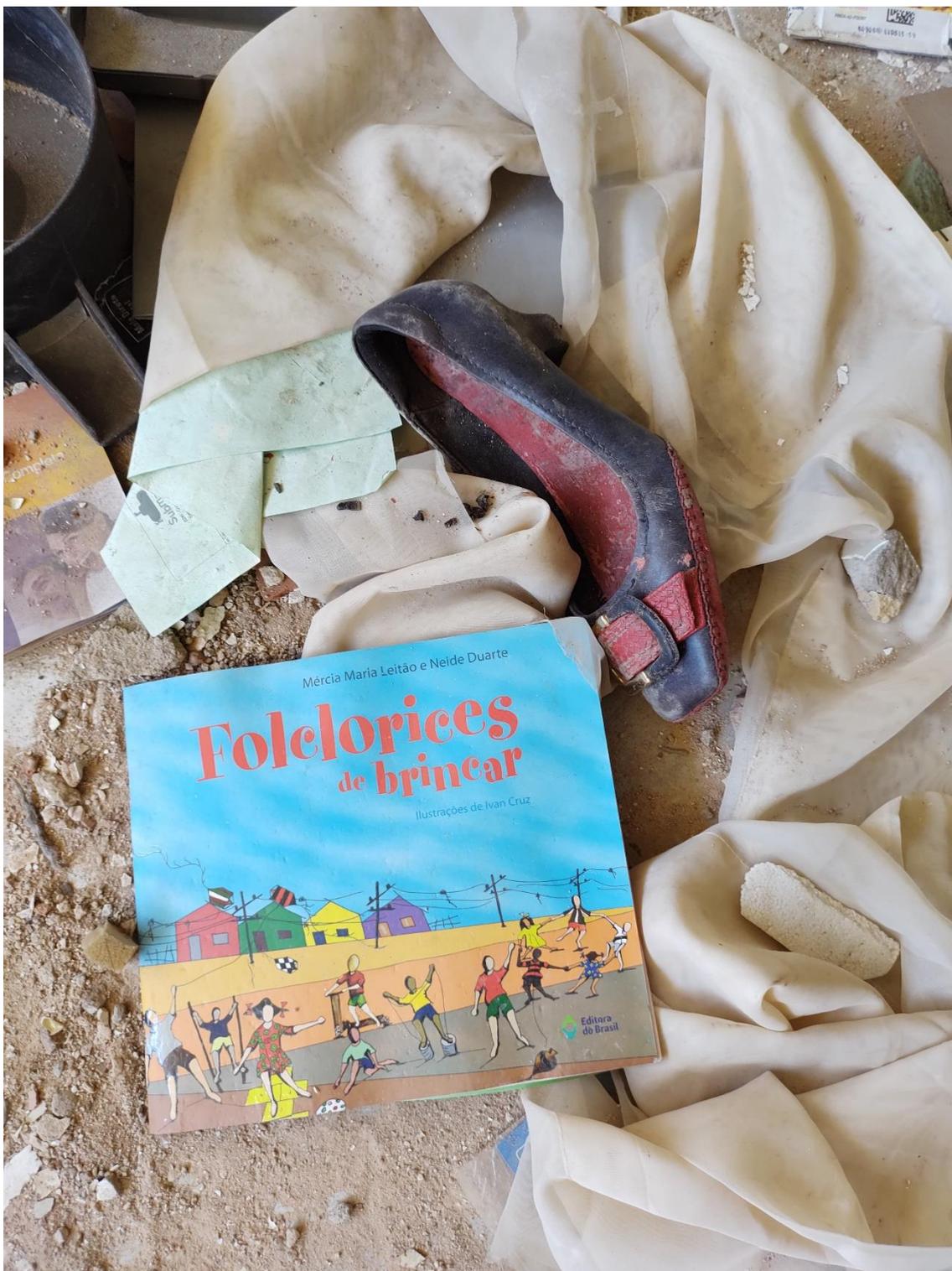


Foto: Carlos Eduardo, Bebedouro, Maceió, 2021

A foto do livro infantil e o sapato de salto (da mãe) sob os escombros é igualmente inquietante. Como se colocasse duas gerações sendo submetidas a uma violência irresistível, em perspectiva.

Para Bárbara Freitag (2006), os novos contextos culturais, as diferentes forças políticas, as mais variadas influências regionais e orientações ideológicas fizeram emergir, na teoria e na prática, novas vias para a arquitetura e o urbanismo brasileiro, bem como alternativas para visualizar e repensar as cidades (FREITAS, 2006, p.148). Esse é um dos grandes pontos problemáticos que atingem não só os cinco bairros, como toda Maceió, onde até agora não se sabe o que vai ser dos bairros no futuro, visto que o problema ainda não foi resolvido. Até lá a cidade vem sofrendo de todas as formas, seja na mobilidade urbana, por conta das vias as quais a própria Braskem interditou, seja por fatores outros, os mais variados.



Foto: Carlos Eduardo, Bebedouro, Maceió, 2022.

“Quase toda a cidade participa da celebração, tem música cantada em coro, tem caminhada. Ali, todos, por mais diferentes que sejam, parecem dividir a saudade que sabem que vão ter. O luto é compartilhado. Comunidades não emergem do nada, elas são construídas a partir de laços, trocas, tempo e até mesmo conflitos. Bebedouro, junto com a Paróquia Santo Antônio de Pádua, representa a união a partir desse compartilhamento e a história do grupo que forma aquela cidade. Há algo que une todos ali, a história de uma pessoa ou de uma população, e é isso que fez os cinco bairros existirem. Rituais de morte, principalmente quando são vividos e preparados de forma coletiva, costumam ser uma forma de preservação da memória de alguém, de um contexto, de uma família e até de um povo. Isto importa tanto para quem fica porque é uma forma de dar continuidade ao que foi partilhado quanto para quem foi expulso de sua casa. Nos 5 bairros, se luta contra a morte todos os dias. Seja pela morte por falta de água potável, de energia, de remédios, de Posto de Saúde ou de comida. A morte morrida, essa causada pela falta ou pela natureza mesmo ainda que também política, mas que não se compara com morte matada invisível vivenciada por mais de 57 mil pessoas que surgiu após o crime da Braskem. Quem nasceu em Bebedouro, Pinheiro, Bom Parto, Mutange e Farol é gente, mas parece que só quem mora ou morou lá sabe disso”. (Thaís Campolina, texto adaptado e fazendo uma analogia do Filme Bacurau com a tragédia ocorrida em Maceio-AL)



Filme: Bacurau - 2019

Foto: Carlos Eduardo, Bebedouro, Maceió, 2022



Conclusão

Acompanho essa tragédia deste seu início, tenho um acervo de quase cinco mil fotos mostrando como aconteceu toda expulsão dos moradores e de como foi e como vem sendo o processo pós saída dos moradores, tenho comigo um tesouro no qual outras gerações vão poder ver de como eram esses bairros antes da mineração.

“A Braskem me suicidou

um punhal de salgema

subiu desde a cratera

e estrangulou a minha voz

agora tudo é dela

assinei a tal “indenização”

O saque legal

De qualquer mineração

Antes de morrer

Eu era o sentimento acumulado

Da revolta

Um grito de pedra

Entalhado na garganta

O clamor de milhares de pessoas

Expulsas das suas casas

Era também o meu

Mas não resisti

Á armadilha judicial

**Á omissão do MPF (Ministério
Publico Federal)**

Á inoperância do Governo

Não resisti

Ao cerco assassino

Das instituições

Que a Braskem comprou

Morri

Dizem que é suicídio

Mas a Braskem

O Estado

E principalmente

O silencio de Maceió

Me mataram

Sem dor”

**- PRONZATO, 2022, POEMAS PARA
RESISTIR**



Foto: Carlos Eduardo, Bebedouro, Maceió, 2022.

Referências

ALVES, A. e SAMAIN, E. “Introdução”, “Cap.1 - Ocupação dos manguezais do município de Vitória” e “Cap.2 - Uma etnografia visual”. In: **Os argonautas do mangue precedido de Balinese character (re)visitado**. Campinas: Editora Unicamp/ São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004 p. 77-194.

BERGER, John & MOHR, Jean. *Une autre façon de raconter*. Paris: François Maspero, 1982. 293p

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **OFÍCIO DE SOCIÓLOGO, METODOLOGIA DA PESQUISA NA SOCIOLOGIA**. (p,17-19). Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BACHELARD, Gaston. “**A noção de obstáculo epistemológico**” (p.17-29) In:_____. *A formação do espírito científico*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

CARVALHO, J. J. DE. **O olhar etnográfico e a voz subalterna**. *Horizontes Antropológicos*, v. 4, n. 15, p. 182–198, 1998.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. **O uso da imagem na Antropologia**. In: SAMAIN, Etienne: *O Fotográfico*. HUCITEC. São Paulo, 1998. p. 113. 2a. edição: Editoras SENAC/HUCITEC, São Paulo, 2005.

CAVALCANTE, Joaldo. **Salgema do Erro a Tragedia** / Joaldo Cavalcante – Maceió: Editora CESMAC, 2020. 136p.

FREITAG, Bárbara, **Teorias da Cidade**, Campinas, São Paulo, 2006, p, 125-149

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **A Imagem nas Ciências Sociais do Brasil: Um Balanço Crítico**. BIB, Rio de Janeiro, 1999.

LEITE, Minam Lifchitz Moreira. **Retratos de Família- Leitura da fotografia histórica**. São Paulo: EDUSP FAPESP, 1993.

Pollak, Michael. **MEMÓRIA, ESQUECIMENTO, SILÊNCIO**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15

MALINOWSKI, B. Introdução, (pp. 17-34). In: **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1978.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A Entrevista Compreensiva - Um Guia para Pesquisa de Campo. Tradução**. Editora vozes. p. 59.

ECKET, C.; ROCHA, A. L. C. Da. Etnografia de e na rua: estudo de antropologia urbana, (pp. 21-46). In: ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. Da (org). **Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2013.

HOLLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Editora José Olympio, 1936, p. 99.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano** In: Por um feminismo Afro-Latino -Americano: ensaios, intervenções e diálogos. Flávia Rios e Márcia Lima (Orgs). Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p.139-150.

NADER, L. **Para cima, Antropólogos: perspectivas ganhas em estudar os de cima**. **Antropolítica**, n. 49, p. 328–356, 2020.

SEGATO, R. L. **Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial**. e-Cadernos CES, n. 18, 2012.

TSING, A. L. **“Dançando na floresta de cogumelos”**. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: Mil folhas, 2019 p. 27-41.

PRONZATO, Carlos. **Poemas para resistir: o caso Braskem** / Carlos Prozato – Maceió: CBA, Editora, 2022, 66p.

VIEIRA, Maria do Carmo, “Daqui só saio pó”: conflito surbanos e mobilização popular: a Salgema e o Pontal da Barra / Maria do Carmo Vieira. – Maceió: EDUFAL, 1997. 96p



Fotos: Carlos Eduardo, Bebedouro, Maceió, 2022.